

O Contributo da Filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana

Roberto Candido Anselmo *

ORCID iD

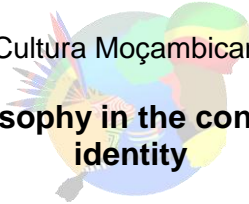
<https://orcid.org/0000-0001-5310-1153>

RESUMO

A presente pesquisa aborda o contributo da filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana, a mesma problematiza a relação entre a filosofia africana e a identidade cultural moçambicana por meio de análise aprofundada das diversas correntes filosóficas africanas e de elementos culturais específicos do país, tendo como objetivo geral analisar a contribuição da filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana. Os objetivos específicos relacionam-se com a caracterização da filosofia africana e sua relação com a identidade cultural moçambicana; descrição dos principais elementos materiais e imateriais da cultura moçambicana; explicação das formas de influência dos valores, crenças, tradições e filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana. A pesquisa justifica-se pelo fato de proporcionar percepções valiosas a fim de promover apreciações amplas e profundas sobre a herança cultural moçambicana. A pesquisa foi realizada por meio da abordagem qualitativa, de natureza exploratória por meio da revisão bibliográfica. A pesquisa elucidou que a filosofia africana desempenha um papel importante na formação da cultura moçambicana, fornecendo uma base filosófica para a percepção da diversidade, preservando a ancestralidade e promovendo uma identidade cultural moçambicana mais autêntica e forte e uma compreensão mais profunda e enriquecedora das tradições da sociedade moçambicana.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia Africana; Identidade Cultural; Cultura Moçambicana



The contribution of african philosophy in the construction of Mozambican cultural identity

ABSTRACT

The present research addresses the contribution of African philosophy to the construction of Mozambican cultural identity. It problematizes the relationship between African philosophy and Mozambican cultural identity through in-depth analysis of various African philosophical currents and specific cultural elements of the country. The general objective is to analyze the contribution of African philosophy to the construction of Mozambican cultural identity. The specific objectives are related to characterizing African philosophy and its relationship with Mozambican cultural identity; describing the main material and immaterial elements of Mozambican culture; explaining the ways in which values, beliefs, traditions, and African philosophy influence the construction of Mozambican cultural identity. The research is justified by providing valuable insights to promote broad and profound appreciations of Mozambican cultural heritage. The research was conducted using a qualitative approach, of exploratory nature through bibliographic review. The research elucidated that African philosophy plays an important role in shaping Mozambican culture, providing a philosophical foundation for understanding diversity, preserving ancestry, promoting a more authentic and strong Mozambican cultural identity, and fostering a deeper and enriching understanding of Mozambican societal traditions.

KEYWORDS

African philosophy; Cultural identity; Mozambican culture.

* é um acadêmico dedicado e doutorando em Direito Público pela Universidade Católica de Moçambique, VIª Edição. Atualmente, reside na província de Tete, na zona central do país. Além de sua busca pelo conhecimento, contribui ativamente para a academia como docente na Universidade Púngue, lecionando as disciplinas de Introdução ao Direito e Direito Administrativo.

Mchango wa Falsafa ya Kiafrika katika Ujenzi wa Utambulisho wa Utamaduni wa Msumbiji

MUHTASARI

Utafiti huu unaangazia mchango wa falsafa ya Kiafrika katika ujenzi wa utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji, unatatiza uhusiano kati ya falsafa ya Kiafrika na utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji kupitia uchambuzi wa kina wa mikondo mbalimbali ya falsafa ya Kiafrika na vipengele maalum vya kitamaduni vya nchi, kwa kuchukua kama ujumla. lengo la kuchambua mchango wa falsafa ya Kiafrika katika ujenzi wa utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji. Malengo mahususi yanahusiana na sifa za falsafa ya Kiafrika na uhusiano wake na utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji; maelezo ya nyenzo kuu na vipengele visivyoonekana vya utamaduni wa Msumbiji; maelezo ya njia ambazo maadili, imani, mila na falsafa za Kiafrika huathiri ujenzi wa utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji. Utafiti huu unathibitishwa na ukweli kwamba unatoa umaizi muhimu ili kukuza uthamini mpana na wa kina wa urithi wa kitamaduni wa Msumbiji. Utafiti ulifanywa kwa kutumia mbinu ya ubora, ya asili ya uchunguzi kupitia uhakiki wa fasihi. Utafiti ulifafanua kuwa falsafa ya Kiafrika ina jukumu muhimu katika malezi ya utamaduni wa Msumbiji, kutoa msingi wa kifalsafa kwa mtazamo wa utofauti, kuhifadhi ukoo na kukuza utambulisho wa kitamaduni wa Msumbiji halisi na wenye nguvu zaidi na uelewa wa kina na unaoboresha wa mila za Msumbiji. Jamii ya Msumbiji.

MANENO MUHIMU

Falsafa Ya Kiafrika; Kitambulisho Cha Kitamaduni; Utamaduni Wa Msumbiji.

Introdução

Filosofia africana é uma viagem ao pensamento africano. Num sentido amplo, de acordo com Lopes & Simas (2020), o termo “filosofia” designa a busca do conhecimento iniciado quando os seres humanos começaram a tentar compreender o mundo por meio da razão. O termo pode também definir-se como o conjunto de concepções, práticas ou teóricas, acerca da existência, dos seres, do ser humano e do papel de cada um no Universo. Na prática acadêmica, é usado para designar o conjunto de concepções metafísicas sobre o mundo.

Segundo Lopes & Simas (2020), a filosofia africana trata tanto dos saberes ancestrais africanos, sua essência preservada nos provérbios, na diversidade multicultural e nos ensinamentos passados durante gerações por meio da oralidade, quanto da contribuição de filósofos africanos e afro-descendentes contemporâneos na atualização desses saberes, muitos dos quais pautados no decolonialismo.

O desenvolvimento da filosofia africana no século XX, na percepção de Janz (2007) é relativamente recente e antigo, baseado em formas culturais que se estendem no tempo e no espaço. Para este autor, existe uma contradição que pode ser compreendida se percebermos que a própria filosofia é ambígua, numa situação em que a mesma designa, por um lado, um conjunto de práticas reflexivas enraizadas na cultura e na razão, que explicam rigorosa e criticamente um mundo da vida e, por outro lado, uma disciplina com um conjunto de códigos, padrões, praticantes reconhecidos e costumes.

Conforme a análise de Janz (2007) há duas perspectivas distintas sobre a filosofia africana. Para alguns, acredita-se que a filosofia africana é recente, pois consideram que ela depende das estruturas disciplinares estabelecidas¹. No entanto, para outros, a ausência de um engajamento crítico não impede a existência de estruturas disciplinares, o que sugere que a filosofia africana pode florescer na África tradicional e até mesmo servir como base ou modelo para a filosofia em outras regiões do mundo.

A filosofia africana na óptica de Obinelo (2010) traduz-se no modo de pensar e analisar as tradições dos povos africanos e da diáspora africana, que moldam o caráter e a cultura do povo africano. É a base do modo de vida da consciência africana. Influenciou profundamente muitos aspectos da vida do povo africano. A filosofia africana, surge, na percepção deste autor, quando os africanos começaram a fazer as perguntas necessárias sobre a sua identidade, e quando começaram a ter uma comunicação melhor sobre o que é a vida, seus objetivos e significados.

Para desenvolver a presente pesquisa levantamos alguns aspectos que achamos pertinentes para a percepção da influência da filosofia africana na cultura moçambicana, os quais descrevemos abaixo. O problema envolve a relação entre a filosofia africana e a cultura moçambicana, que são campos amplos e complexos. A compreensão dessa relação requer uma análise aprofundada das diversas correntes filosóficas africanas e de elementos culturais específicos de Moçambique. Para o efeito, nasce a exigência de integração de conhecimentos de diferentes disciplinas, como filosofia, antropologia, sociologia e estudos culturais. A abordagem interdisciplinar é necessária para capturar a complexidade e a diversidade dos fenômenos culturais em estudo.

A pesquisa leva em consideração o contexto histórico e político de Moçambique, bem como a história da filosofia africana. Compreender a evolução histórica desses dois campos é fundamental para compreender sua relação e impacto na identidade cultural moçambicana atual. Da mesma forma, é importante ter em conta a sensibilidade cultural, respeitando a diversidade de perspectivas e abordagens filosóficas dentro da África e reconhecendo a importância de valorizar as tradições e o conhecimento local em Moçambique.

Essas manifestações destacam a necessidade de investigar e compreender melhor a influência da filosofia africana na construção da cultura moçambicana, a fim de promover uma valorização adequada dessa herança cultural e garantir sua preservação

¹ Cosmologia africana, ontologia africana, ética africana, filosofia política africana, filosofia da história africana, epistemologia africana, filosofia da religião africana, filosofia da arte africana.

para as futuras gerações. Tendo em consideração os fenômenos acima descritos, coloca-se o seguinte problema: Qual é o contributo da filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana?

Para o presente trabalho foi definido como objetivo geral o seguinte: analisar a contribuição da filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana. Foram determinados como objetivos específicos os seguintes: (i) Caracterizar a filosofia africana e sua relação com a identidade cultural moçambicana; (ii) Descrever os principais elementos, entre materiais e imateriais da cultura moçambicana; (iii) Explicar as formas de influência dos valores, crenças, tradições e filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana.

Ao identificar e analisar a importância da filosofia africana na construção da cultura moçambicana, a pesquisa visa fornecer percepções valiosas para promover uma apreciação mais ampla e profunda da herança cultural moçambicana e, potencialmente contribuir para o fortalecimento da identidade cultural local. A pesquisa tem relevância social e cultural, na medida em que o problema possui uma importância significativa para a sociedade moçambicana, pois investiga a construção da identidade cultural e contribui para o reconhecimento e valorização das tradições e perspectivas filosóficas africanas presentes em Moçambique.

O trabalho tem uma abordagem qualitativa, classificando-se, de acordo com Gil (2008), quanto aos objetivos, como sendo uma pesquisa exploratória, a qual procura explicitar o problema da pesquisa por meio de um levantamento bibliográfico. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é de natureza bibliográfica por permitir o seu desenvolvimento com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos. Nessa ordem de ideias, Martins e Theóphilo (2016, p. 52), concordam que a pesquisa bibliográfica:

[...] Trata de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites e anais de congressos. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo.

Para Michel (2015), a pesquisa bibliográfica pode ser uma pesquisa em si ou apenas uma fase de uma pesquisa descritiva ou experimental, no que concorda com Martins e Theóphilo

(2016). Michel (2015), no entanto, acresce que a pesquisa bibliográfica se constitui no embasamento necessário e básico para a realização de estudos monográficos, ressaltando que o levantamento bibliográfico é a essência acompanhado de anotações, registros, notas de aulas, além de apontamentos que se relacionem com o tema de interesse, de forma a constituir-se numa memória importante para o registro e a redação do trabalho. Esta autora expõe, ainda, que a pesquisa bibliográfica em si dispensa a elaboração de hipóteses, mas destaca que ela pode ser orientada pela hipótese de pesquisa experimental.

1. Correntes da filosofia africana e sua relação com a identidade cultural moçambicana

O presente capítulo discute os principais conceitos que orientam a pesquisa, para além de fazer uma análise da contribuição da filosofia africana na construção da identidade cultural moçambicana. Esta secção trata de abordar as principais teorias sociológicas sobre a filosofia africana. As correntes filosóficas africanas são ricas e diversas, refletindo a pluralidade de pensamento e tradições intelectuais presentes no continente. Assim apresentaremos de seguida algumas das principais correntes relevantes sobre cada uma delas:

Ubuntu é uma corrente filosófica que enfatiza a interdependência e a comunidade como valores fundamentais. Ela valoriza a ideia de que a existência individual está intrinsecamente ligada à existência dos outros, (Eze, 2012). A ética Ubuntu, com origem nos povos sul-africanos, pode ser compreendida a partir do pensamento de uma humanidade para todos. A ética Ubuntu, na perspectiva de Metz (2019), é uma filosofia que enfatiza a interdependência e interconexão entre as pessoas, destacando a importância das relações humanas e da responsabilidade de cuidar dos outros membros da comunidade. A solidariedade e o apoio mútuo são aspectos centrais dessa ética, onde é esperado que os membros da comunidade se mobilizem para oferecer ajuda e suporte quando alguém está passando por dificuldades.

Quando uma escola na comunidade está com dificuldades de recursos, todos se unem para encontrar soluções e contribuir para melhorar a situação, destacando desse modo a responsabilidade coletiva. Em uma sociedade que vive a ética Ubuntu, é pouco provável que haja discriminação ou tratamento desigual com base em raça, gênero, religião ou qualquer outra característica pessoal. As comunidades que passaram por períodos de conflito ou opressão, a ética Ubuntu pode ser usada para promover a reconciliação, o diálogo e a cura entre as partes envolvidas. Além disso, Ramose (2009) argumenta que o Ubuntu vai além de uma mera ética pessoal, influenciando aspectos mais amplos da sociedade e governança. Ele destaca a relevância do Ubuntu na

resistência contra o *apartheid* na África do Sul e como essa filosofia desempenhou um papel na busca por justiça e reconciliação nacional.

Para Nascimento (2016), a palavra Ubuntu é a denominação de uma espécie de “Filosofia do Nós”, significando uma ética coletiva com a finalidade de conectar as pessoas com a vida, com a natureza, com o divino e com as outras pessoas de forma comunitária, em um plano de imanência onde todas as forças se unem e se cruzam. A filosofia Ubuntu no pensamento africano apresenta uma perspectiva da construção coletiva do pensamento e da racionalidade humana, tornando o ser como um potencial territorializante e desterritorializante.

O termo “territorializante” segundo Haesbaert (2011), refere-se à capacidade do ser humano de criar e estabelecer territórios. Territórios podem ser áreas físicas delimitadas, como cidades, países ou regiões, mas também podem ser espaços simbólicos, como culturas, ideologias ou comunidades virtuais. Os seres humanos têm uma tendência natural de organizar-se em grupos e estabelecer territórios, o que lhes proporciona um senso de pertencimento, identidade e segurança. Ao criar territórios, o ser humano constrói relações sociais, políticas e econômicas que moldam a estrutura da sociedade e influenciam a cultura e a história.

A título de exemplo temos como território físico e político a Cidade de Maputo que é a capital de Moçambique sendo uma importante área urbana e política. Cidade de Maputo abriga instituições governamentais e órgãos políticos. Em relação ao território simbólico, temos as religiões e crenças tradicionais e ancestrais que moldam a identidade e as interações sociais de muitas comunidades em todo o país. O território virtual agrega grupos de discussão online, através de plataformas como Facebook ou WhatsApp ou fóruns online. Os moçambicanos podem se reunir virtualmente para discutir questões sociais, políticas e culturais relevantes para o país.

O termo “desterritorializante”, ainda na óptica de Haesbaert (2011), refere-se à capacidade dos seres humanos de romper com as fronteiras e limites territoriais estabelecidos. A desterritorialização pode ocorrer de várias maneiras, seja através da migração física para novos locais, da difusão cultural para outras regiões, da globalização que conecta pessoas e culturas distantes ou do uso das tecnologias digitais para criar comunidades virtuais sem fronteiras geográficas.

Na realidade moçambicana, exemplos concretos de desterritorialização incluem a migração interna e internacional (a procura de educação ou emprego), a difusão cultural para outras regiões e países (música, dança e culinária), a influência da globalização e a

conexão digital por meio de tecnologias digitais e redes sociais. Esses processos rompem com as fronteiras e limites territoriais estabelecidos, permitindo que as pessoas se desloquem, interajam e compartilhem informações além das barreiras geográficas, criando comunidades virtuais e disseminando a cultura moçambicana para o mundo.

Noguera (2012) concorda com Nascimento em relação ao significado de Ubuntismo, referindo que o termo Ubuntu pode ser compreendido como uma ética que é comum a todas as pessoas, proporcionando um ritmo harmonioso dos fluxos na busca do reconhecimento e valorização do território. Dessa forma, as filosofias africanas preocupam-se no entendimento da realidade diante de uma articulação coletiva, permitindo a formação de novos encontros e do retorno para o seu solo absoluto, onde todos se encontram, o que significa dizer que as comunidades africanas valorizam a participação coletiva em decisões importantes, resolvem conflitos através do diálogo e buscam soluções que beneficiam a todos.

Além disso, a filosofia africana pode incentivar a preservação e promoção da cultura local, bem como uma conexão mais profunda com a terra e o meio ambiente, reconhecendo a importância do equilíbrio entre o ser humano e a natureza. Essa articulação é compreendida por Tempels (2013) como um conjunto de energias e forças vitais. De acordo com Nascimento (2016) os princípios fundamentais da ética Ubuntu são norteados pela preocupação com o outro, com a solidariedade, com a partilha e com a vida em comunidade. Assim, uma geoética e uma geofilosofia se apresentam nos fundamentos da filosofia ubuntu, trazendo o ser em sua existência como a essência de uma coletividade, explicando que uma pessoa não pode ser plenamente humana sozinha.

Cavalcante (2020) não aborda a questão do ubuntismo na perspectiva ética defendida por Noguera (2012), todavia, assevera que o ubuntismo fundamenta-se na ancestralidade africana; a filosofia ubuntu preocupa-se fundamentalmente com o indivíduo, com a natureza e as suas relações entre si, havendo uma interdependência. A interdependência na frase refere-se a uma relação intrínseca e recíproca entre o indivíduo, a natureza e suas interações dentro do contexto da filosofia Ubuntu, fundamentada na ancestralidade africana. Isso significa que esses elementos estão conectados e influenciam-se mutuamente, sendo inseparáveis e interligados em suas existências e ações. Assim, cada ser consegue contribuir de forma coletiva e integradora na construção das relações. Dessa forma, a filosofia ubuntu, assim como a filosofia africana, é construída no plano da solidariedade, através da interação de todos. Um existindo por causa da existência do outro.

Etnofilosofia: seu tema fundamental é a relação da filosofia com a cultura. Machado (2012) refere que a Etnofilosofia é uma abordagem que vai considerar a sabedoria coletiva, o lugar ontológico de hipóteses gerais e a visão de mundo de tribos africanas ou grupos étnicos que tem como código a filosofia. O mesmo autor, percebe que Tempels concebe que o pensamento cognitivo do africano é uma filosofia que segue os seus próprios níveis de conhecimento, sua própria forma de pensar, daí ser uma etnofilosofia, apontando a ligação estreita do homem africano com suas raízes, onde se pensa seus problemas e a origem destes.

Para Hountondji (2008), a etnofilosofia é definida como o estudo das representações coletivas dentro de uma dada sociedade, ou mais precisamente, como o estudo da lógica das representações coletivas. É um estudo da 'ideo-lógica' de uma dada sociedade, especialmente quando se trata de sociedades sem escrita, onde o material oral é o principal meio de compreender os sistemas de pensamento e as visões de mundo. A etnofilosofia também pode ser vista como a filosofia dos pobres, pois se concentra nas sociedades orais que têm menos acesso a tradições filosóficas escritas.

Em Moçambique, a etnofilosofia pode ser observada nas tradições culturais e filosóficas do povo Macua, que é uma das maiores etnias do país. Dentro da sociedade macua, as tradições orais desempenham um papel significativo na transmissão de conhecimentos, valores e visões de mundo. As práticas culturais, mitos, contos e rituais transmitidos oralmente ao longo das gerações constituem uma forma de etnofilosofia. Essas narrativas orais não apenas preservam a história da comunidade, mas também encapsulam os entendimentos coletivos sobre a vida, a natureza, a moralidade e a existência.

Santos (2018) mostra que, as representações coletivas do povo Makonde, originário do norte de Moçambique, conhecido por suas habilidades em escultura em madeira, muitas vezes retratam figuras humanas estilizadas e simbolizam aspectos da vida quotidiana, mitologia e espiritualidade. Cada peça esculpida conta uma história e transmite elementos importantes dessa cultura. Essas esculturas não se limitam a ser meros objetos de arte, também simbolizam a identidade e a herança cultural do povo Makonde

Na percepção de Towa (2015), a filosofia é bem mais que a força vital de uma cultura ou de algumas culturas que partilham uma língua. Ela envolve o esforço de pensar o absoluto, em um grau de abstração mais específico. Assim, para o autor, a etnofilosofia toma por filosofia, a cultura em todos os seus componentes (mitos, contos, provérbios,

magia, cosmogonia e sabedoria). Dessa forma, a etnofilosofia seria a filosofia dos sistemas de pensamento coletivos, das tradições pensadas, ou seja, das visões de mundo. A etnofilosofia concebe o pensamento africano tradicional como filosófico, utilizando o método etnográfico para realizar suas pesquisas.

Um exemplo marcante da influência da etnofilosofia na identidade cultural moçambicana é a revitalização das tradições orais e das práticas rituais das diferentes etnias. Por exemplo, as histórias contadas pelos anciãos nas aldeias e os rituais de passagem que celebram os momentos importantes na vida de um indivíduo têm sido revalorizados e reconhecidos como parte essencial do patrimônio cultural moçambicano. Isso contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento e a conexão com as raízes culturais. Além disso, a etnofilosofia também influenciou a forma como os moçambicanos percebem e respondem a questões contemporâneas, como a globalização e a modernização ao incorporar princípios éticos e valores tradicionais nas discussões sobre desenvolvimento sustentável, governação e direitos humanos.

Filosofia Africana de Libertação: Esta corrente filosófica, desenvolvida por Dussel (1977), concentra-se na luta contra a opressão e a injustiça, buscando formas de libertação e empoderamento dos povos africanos. A filosofia africana de libertação é uma busca por dignidade, autodeterminação e um reconhecimento pleno da humanidade e dos direitos inalienáveis de todos os povos africanos e seus descendentes. Ela busca romper com a hegemonia cultural e intelectual dominante, promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa da diversidade de experiências e perspectivas humanas.

A filosofia africana de libertação, percebida por Kodjo & Chanaiwa (2010), se manifestou em movimentos de libertação anticoloniais em diversos países africanos, como na África do Sul de Nelson Mandela e em Gana com Kwame Nkrumah. No cenário dos direitos civis nos Estados Unidos, figuras como Martin Luther King Jr. e Malcolm X defenderam a filosofia para lutar contra a segregação racial. O movimento negritude, liderado por Aimé Césaire e outros, promoveu a afirmação da identidade africana e o questionamento do colonialismo. Atualmente, a filosofia de libertação continua influenciando movimentos de ativismo social que lutam por igualdade e justiça para as comunidades afrodescendentes.

Um paradigma notável da influência da Filosofia Africana de Libertação na identidade cultural moçambicana é o papel desempenhado pelos líderes e intelectuais moçambicanos durante a luta de libertação contra o domínio colonial português. Figuras como Samora Machel, Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos, entre outros, foram

influenciados por essa filosofia e a incorporaram em seus discursos e estratégias de resistência. Eles enfatizaram a importância da unidade entre as diferentes etnias e a valorização das tradições culturais como um meio de fortalecer a identidade moçambicana na luta pela independência.

Outrossim, a Filosofia Africana de Libertação também teve um impacto duradouro na promoção da educação e da consciência histórica em Moçambique. Esforços foram feitos para resgatar e preservar as narrativas locais, as línguas indígenas e os conhecimentos tradicionais que haviam sido marginalizados durante o período colonial. Isso contribuiu para a revitalização da cultura moçambicana e a construção de uma identidade enraizada nas raízes ancestrais.

Filosofia da negritude: A filosofia da negritude surge como uma resposta à negação da identidade e história africanas durante o período colonial. Ela reivindica a valorização e celebração da cultura africana, enfatizando a consciência negra e a rejeição do racismo. É assim que Fanon (2008) critica o impacto que a colonização teve sobre a identidade e a autoestima dos povos colonizados, particularmente das pessoas negras. Para ele, devido à opressão racial e à interiorização do racismo, as pessoas negras são muitas vezes alienadas de si mesmas e de suas culturas.

A fim de aclarar o conceito de interiorização do racismo, Araújo et al. (2022) alude que ocorre quando pessoas negras absorvem e incorporam estereótipos negativos difundidos pela sociedade, levando-as a acreditar na inferioridade de sua cor de pele e desvalorização de suas culturas. Isso pode levar a uma baixa autoestima e alienação, onde indivíduos negros rejeitam suas tradições culturais em busca de assimilação. Na escola, crianças negras podem sofrer com a interiorização do racismo, sendo excluídas ou tratadas preconceituosamente, o que afeta negativamente sua identidade étnica.

Além disso, a pressão para se encaixar em padrões de beleza eurocêntricos pode levar pessoas negras a alterarem seu cabelo ou cor da pele para se adequarem a ideais desvalorizados, refletindo a internalização de visões negativas sobre sua aparência. Combater esse fenômeno requer conscientização e empoderamento para reafirmar positivamente a identidade e cultura negras, (Araújo et al.,2022). Dando continuidade ao seu pensamento, Fanon (2008) propõe a necessidade de uma revolta anticolonial e um resgate da identidade negra, afirmando a importância de uma consciência negra e de uma negritude colectiva. A negritude, nesse contexto, refere-se à afirmação da identidade e da cultura negra como uma forma de resistência ao racismo e ao colonialismo.

Um modelo de filosofia da negritude com influência na identidade cultural moçambicana é a expressão artística e literária que floresceu durante o período colonial. Escritores e poetas moçambicanos, como José Craveirinha e Noémia de Sousa, incorporaram os princípios da Negritude em suas obras, abordando temas de orgulho racial, resistência e celebração da herança africana. Suas criações literárias contribuíram para a formação da consciência cultural moçambicana e para a construção de uma narrativa própria, contrapondo as narrativas coloniais dominantes. Ademais, a Filosofia da Negritude também influenciou os movimentos de resistência e luta pela independência em Moçambique. Líderes como Eduardo Mondlane, fundador da FRELIMO, foram inspirados pelos princípios de autoafirmação e dignidade defendidos pela Negritude.

Filosofia da sagacidade: A filosofia da sagacidade é uma corrente que valoriza o pensamento crítico e a sabedoria prática como fonte de conhecimento. Ela enfatiza a importância da experiência, dos provérbios e dos ditados populares como fontes de reflexão e orientação. A Filosofia da Sagacidade ou Sagacidade Filosófica, na percepção de Machado (2012), trata dos “sábios filosóficos”. É um sistema de pensamento que se encontra baseado na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente o reflexo de uma pessoa que é reconhecida como “sábio” e pensador, dentro da comunidade. É uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador crítico e racional. Kalumba (2004, p. 5) consegue apresentar uma finalidade da função de ‘sábio’, dizendo o seguinte:

Um verdadeiro sábio deve usar habitualmente o dom da sabedoria para o aperfeiçoamento ético de sua comunidade. Por isso, ele (o sábio) tem que estar constantemente preocupado com os problemas éticos e empíricos provenientes de sua comunidade, com a intenção de encontrar soluções interessantes para elas.

Uma pesquisa realizada por Oruka (1990) determinou que existem dois tipos de sábios na África tradicional: sábios populares e sábios filosóficos. Apesar de os dois tipos de sábios destacarem-se pelo seu conhecimento da cultura tradicional, eles se distinguem pela atitude em relação a esse conhecimento. Sábios populares tomam uma atitude de primeira ordem em relação ao pensamento cultural, de modo que o seu pensamento nunca consegue transcender os limites da tradição.

Em contraste, um sábio filosófico adota uma atitude de segunda ordem em direção ao pensamento cultural: ele se eleva acima do pensamento e faz uma avaliação independente e crítica, aceitando apenas os aspectos que satisfaçam a sua minuciosa

pesquisa racional. Oruka (1990) acredita que ao contrário das declarações dos sábios populares, que são todos melhores caracterizados pelo pensamento cultural, as afirmações críticas dos sábios filosóficos merecem o rótulo de "filosofia". Os filósofos da sagacidade, de acordo com Machado (2012), estão convictos que o estudo da Filosofia Africana não versa no estudo de obras, mas nos sábios, homens e mulheres das comunidades, ou seja, é a relação da filosofia com os sábios. Objetiva mostrar que a alfabetização não é uma condição indispensável para a reflexão e exposição filosófica, a importância maior é a pertença cultural, os conhecimentos e as experiências dos sábios tradicionais, onde a oralidade é bastante defendida.

A Filosofia da Sagacidade também está presente em práticas econômicas e sociais. Por exemplo, muitas comunidades em Moçambique têm sistemas tradicionais de troca de serviços, bens ou recursos, onde a negociação habilidosa e a busca de um equilíbrio justo desempenham um papel fundamental. Na política, a Filosofia da Sagacidade pode ser vista na forma como os moçambicanos abordam a negociação e o diálogo em busca de soluções para questões complexas.

2.Elementos materiais e imateriais da cultura moçambicana

Segundo Dias (2010), a sociedade moçambicana é multilíngue, pluriétnica, multirracial e socialmente estratificada. Existem em Moçambique várias formas de organização social, cultural, política e religiosa; há várias crenças, línguas, costumes, tradições e várias formas de educação. A principal característica do patrimônio cultural moçambicano é a sua diversidade. As manifestações e expressões culturais são ricas e plurais, sobretudo as ligadas às camadas "populares".

Dias (2010) refere que a matriz cultural do povo moçambicano é diversificada. A cultura moçambicana foi sempre marcada pela miscigenação cultural que advém das migrações bantu e do contacto que estes foram tendo com outras civilizações, sobretudo a árabe e a asiática. Tarcísio (2017), por sua vez, percebe que a cultura assume o conjunto de significados e valores transmitidos necessariamente através de símbolos e sinais. Muchacona (2020) acrescenta que, para haver cultura, é preciso antes que exista também uma consciência coletiva que, a partir da vida quotidiana, elabore os planos para o futuro da comunidade, tendo como principais características, as seguintes:

✓ **Diversidade étnica:** Moçambique é lar de várias etnias como os macuas, tsongas, shanganas, chewas, macondes, entre outros. Cada grupo étnico possui suas próprias tradições, línguas e costumes, contribuindo para a riqueza cultural do país.

✓ **Línguas:** A língua oficial de Moçambique é o português, devido à colonização portuguesa. No entanto, existem várias línguas bantu faladas pelos diferentes grupos étnicos, como o chuabo, shangana, macua, jaua, maconde, nhúngue, sena, entre outros.

✓ **Música e dança:** a música e a dança desempenham um papel fundamental na cultura moçambicana. O país é conhecido por estilos musicais e danças folclóricas vibrantes, como Marrabenta, Mapiko, Xigubo, Tufu, Nyau Gule Wankulu, N'sope e música tradicional, os quais os moçambicanos têm-nos como uma tradição rica, sendo realizadas em várias ocasiões, como festivais, cerimônias e celebrações.

✓ **Arte e artesanato:** A arte moçambicana é diversificada e expressa-se através de esculturas em madeira, cestaria, cerâmica e pinturas. Os artistas moçambicanos muitas vezes retratam a vida quotidiana, crenças espirituais e história do país em suas obras.

✓ **Gastronomia:** A culinária moçambicana é influenciada pela agricultura local e pelos recursos naturais. Pratos típicos incluem matapa (uma pasta de folhas de mandioca com amendoim), tocossado, caracata, xiguinha, mucapata e frango à zambeziana. O marisco também é muito apreciado, graças à extensa costa de Moçambique.

✓ **Religião:** A maioria da população moçambicana pratica o cristianismo, tanto o catolicismo como as várias denominações protestantes. No entanto, também existem comunidades muçulmanas significativas, principalmente na região norte do país. Além disso, muitos moçambicanos incorporam práticas e crenças tradicionais em suas vidas diárias.

✓ **Festivais e celebrações:** Moçambique é conhecido por seus festivais vibrantes, que destacam as diferentes tradições culturais do país. O Festival da Marrabenta, o Festival Azgo de Música, o Festival de Arte e Cultura de Ilha de Moçambique e o Festival Internacional de Literatura de Maputo são apenas alguns exemplos.

Na óptica de Tarcísio (2017), as características da cultura estão relacionadas com o simbolismo e a sociabilidade. O simbolismo refere-se a um conjunto de significados e valores transmitidos por meio de símbolos, que constituem realidades físicas e sensoriais pelas quais os indivíduos atribuem significados específicos.

3. Influência dos Valores, Crenças, Tradições e as Perspectivas Filosóficas Africanas para a Identidade Cultural Moçambicana

A contribuição dos valores, crenças, tradições para a identidade cultural de Moçambique é significativa e de longo alcance. Como muitos outros países africanos, Moçambique possui uma rica diversidade étnica e cultural, que se reflete nas suas tradições e modo de vida. A identidade cultural moçambicana é verificada por meio de certas práticas que são patentes no dia a dia de cada indivíduo, e algumas características mais comuns estão relacionadas com a diversidade linguística, sem querer deixar de lado a gastronomia, (Manuel, 2018).

Além dessas características, é preciso lembrar que todas as culturas têm uma estrutura própria, todas mudam, todas são dinâmicas. Assim, não é possível falarmos de povos sem história, porque tal fenômeno significaria a existência de uma cultura que não passasse por transformações ao longo do tempo. Na óptica de Awoniyi (2015), os valores africanos, como a solidariedade, a comunidade e a importância da família, desempenham um papel fundamental na sociedade moçambicana. A ênfase na coletividade e no apoio mútuo é evidente em várias práticas culturais, como os rituais de iniciação e as celebrações comunitárias. Esses valores ajudam a fortalecer os laços sociais e a criar um senso de identidade compartilhada.

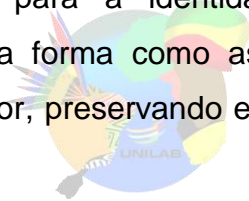
O respeito pelas tradições em Moçambique cresce com a apreciação das várias perspectivas e etnias, apoiadas pela filosofia africana. A honra aos ancestrais é crucial nessa filosofia, destacando o resgate da ancestralidade. Reconhecer a sabedoria ancestral fortalece laços passados, presentes e futuros na cultura moçambicana. Preservar a sabedoria transmitida entre gerações é vital na cultura moçambicana, com destaque para a tradição oral que compartilha conhecimentos e valores. A filosofia africana respalda essa preservação, assegurando a continuidade das práticas culturais em Moçambique.

As crenças africanas também desempenham um papel crucial na identidade cultural moçambicana. A religião tradicional africana, que inclui a adoração dos ancestrais, a espiritualidade da natureza e a crença em forças sobrenaturais, influencia profundamente a vida quotidiana e os rituais moçambicanos. Essas crenças estão enraizadas na compreensão da interconexão entre os seres humanos, os ancestrais e a natureza, promovendo uma visão holística do mundo, (Awoniyi, 2015).

As tradições moçambicanas também refletem a influência africana. Danças, músicas e festivais tradicionais são expressões culturais importantes que foram

transmitidas ao longo das gerações. De acordo com Matsinhe (2022), por exemplo, no norte de Moçambique, a estrutura familiar se mantém ligada às tradições do povo macua, associada às influências muçulmanas e portuguesas. Além disso, as perspectivas filosóficas africanas têm uma profunda influência na identidade cultural moçambicana, por isso, Santiago (2012) esclarece que Moçambique é um país de grande diversidade cultural, e como a maioria dos países da África, não possui uma identidade específica, no entanto, apresenta aspectos que o ligam a outros países vizinhos e mesmo a outros continentes.

A filosofia ubuntu, que enfatiza a interdependência e a humanidade compartilhada, está presente nas relações sociais e nas formas de abordar questões éticas em Moçambique. Cavalcante (2020) refere que, como elemento da tradição africana dos povos bantu, a filosofia ubuntu estabelece reflexões sobre a existência em comunidade e de interdependência na vida política, cultural e social. Essa perspectiva filosófica promove a ideia de que todos os indivíduos são conectados e devem-se tratar com respeito e empatia. Na essência, a contribuição dos valores, crenças, tradições e perspectivas filosóficas africanas é essencial para a identidade cultural moçambicana. Esses elementos fundamentais moldam a forma como as pessoas vivem, se relacionam e compreendem o mundo ao seu redor, preservando e enriquecendo a diversidade cultural de Moçambique.



Considerações finais

As correntes filosóficas africanas abrangem diferentes perspectivas, destacando-se: Ubuntu que enfatiza a interdependência e a comunidade, promovendo a solidariedade e apoio mútuo. Reforça a união em Moçambique, como visto na cooperação comunitária em escolas e a resolução coletiva de desafios; a filosofia africana de libertação que tem foco na luta contra opressão e injustiça, inspirando líderes moçambicanos na busca pela independência; a filosofia da negritude que enfatiza a valorização cultural e resistência ao racismo. Inspira líderes e artistas em Moçambique a celebrar a herança africana, rejeitando a opressão; a filosofia da sagacidade que valoriza o pensamento crítico e sabedoria prática, refletindo em ações socioeconômicas e políticas; a filosofia nacionalista que responde a desafios pós-independência, enfocando a identidade e unidade nacional. Essas correntes filosóficas moldaram a identidade cultural moçambicana, promovendo a cooperação comunitária, resistência ao colonialismo,

celebração da cultura africana, abordagem sábia de desafios e construção de uma nação unida e independente.

A cultura moçambicana reflete uma rica história, mistura étnica e influências culturais ao longo dos séculos, destacando-se por: Diversidade étnica e linguística com grupos étnicos variados, contribuindo para uma cultura diversificada; Múltiplas religiões e crenças, incluindo cristianismo, islamismo e crenças tradicionais, fundamentais na identidade cultural; a música, dança (marrabenta) e artesanato (esculturas, tecelagem) são expressões artísticas essenciais; os festivais e celebrações realizados ao longo do ano com danças, músicas e comida tradicional; Culinária influenciada por tradições africanas e portuguesas, com pratos como caracata, xiguinha e matapa; História de luta e independência moldando a identidade nacional; Valores tradicionais de respeito pelos mais velhos e ênfase na comunidade continuam presentes.

A contribuição de valores, crenças e tradições para a identidade cultural moçambicana é profunda. Esses elementos moldaram a sociedade, conferindo-lhe diversidade única. Valores tradicionais, como respeito aos mais velhos e solidariedade comunitária, influenciam relações sociais, mantendo unidade. Crenças espirituais, do ancestralismo ao cristianismo e islamismo, moldam práticas, rituais e pensamentos. Tradições culturais, como danças, músicas, vestuário e artesanato, enraízam a identidade cultural. Essas expressões refletem história, lutas e triunfos, preservando o legado cultural às gerações futuras. A identidade cultural moçambicana é forjada pela interação desses elementos, resultando em uma nação rica em diversidade e coesão.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida, **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**, São Paulo: Atlas, 2010.
- Araújo, Edvaldo, XAVIER, Ketlen, SOUZA, Lucas, VICHI, Christian, **Racismo Internalizado: Uma Perspectiva Analítico-Comportamental**, 2022.
- AWONIYI, Sunday, African cultural values: the past, present and future, Vol. 17, **Journal of Sustainable Development in Africa**, Pennsylvania, 2015.
- CAVALCANTE, Kellison. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano, **Revista Seminário de Visu**, Petrolina, vol. 8, 2020.
- COETZEE, Peter, ROUX, Abraham, **The african philosophy reader**, New York, Routledge, 2002.

- DIAS, Hildizina, Diversidade cultural e educação em Moçambique. **Revista VIRUS**, n.º4, 2010.
- DUSSEL, Enrique, **Filosofia da libertação na América Latina**, São Paulo, Loyola, 1977.
- EZE, Michael. **Ubuntu: ideology or promise?** in Exploring Humanity: Intercultural Perspectives on Humanism, 2012.
- FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas**, Salvador, EDUFBA, 2008.
- GIL, António, **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed., São Paulo, Atlas, 2008.
- HAESBAERT, Rogério, **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.
- HOUNTONDJI, Paulin, Ethnophilosophie: le mot et la chose. **Exchorexis: Revue Africaine de Philosophie**, 2008.
- JANZ, Bruce, **African Philosophy**. Edinburgh: University of Edinburgh Press, 2007.
- KALUMBA, Kibujjo, **Filosofia da Sagacidade: sua metodologia, resultados e significância e futuro**, Victoria, Blackwell, 2004.
- KODJO, Edem, CHANAIWA, David, Pan-africanismo e libertação, **História geral da África**, V. 8, 2010.
- MACHADO, Adilbênia, Filosofia africana e currículo: aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n.º 18, 2012.
- MANUEL, Vilma. Identidade da cultura moçambicana. **Revista Científica Do Claretiano – Centro Universitario**, São Paulo, Claretiano, bol.8, 2018.
- MARTINS, Gilberto, THEÓPHILO, Carlos, **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**, 3.ed., São Paulo, Atlas, 2016.
- MATSINHE, Dinis, **Diversidade Social e Cultura Moçambicana**. 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/567239063/Diversidade-Social-e-Cultura-Mocambicana#.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- METZ, Thaddeus, **The African Ethic of Ubuntu**, s.l. 2019.
- MICHEL, Maria, **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3.ed., São Paulo, Atlas, 2015.
- MUCHACONA, Jorge. Globalização, direito e cultura moçambicana: o sujeito no campo da história global. **Revista Eletrônica Discente História**, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Bahia, vol.7, pp. 114-133, 2020.
- NASCIMENTO, Alexandre, Ubuntu como fundamento. **Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros**, n.º 1, 2016.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, Vol. 3, 2012.

ORUKA, Henry, **Sage philosophy: indigenous thinkers and modern debate on african philosophy**, Leiden, E. J. Brill, 1990.

RAMOSE, Mogobe, **A ética do ubuntu**. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The african philosophy reader**, New York, 2002.

RAMOSE, Mogobe, Globalização e ubuntu. SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria, (Org.), **Epistemologias do Sul**, Coimbra: Edições Almedina SA, 2009.

SANTIAGO, Emerson, **Cultura Moçambicana**, 2012, Disponível em: <https://www.infoescola.com/cultura/cultura-mocambicana/html>, Acesso em: 13 jul. 2023.

SANTOS, Carlos, **O caçador de ossos, Contos de Moçambique**, V. 8, São Paulo, Kapulana, 2018.

TARCISIO, Inácio, **Identidade cultural moçambicana**, 2017. Disponível em: <https://www.slideshare.net/InacioTarcisio/identidade-cultural-moambicana.html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

TEMPELS, Placide, **La philosophie bantoue**, Paris, Presence Africaine, 2013.

TOWA, Marcien, **A Ideia de uma filosofia Negro-africana**, Belo Horizonte, Nandyala, 2015.



Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024

Para citar este texto (ABNT): ANSELMO, Roberto Candido. O Contributo da Filosofia Africana na Construção da Identidade Cultural Moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.167-184, jan.-abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Anselmo, Roberto Candido (jan.-abr. 2024). O Contributo da Filosofia Africana na Construção da Identidade Cultural Moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 167-184.